

perdida

série casa da noite – outro mundo – livro um

p. c. cast + kristin cast

Tradução de Rui Azeredo



SAÍDA DE EMERGÊNCIA
livros para fugir da rotina



Caros leitores,

Bem-vindos a outra aventura Casa da Noite — Outro Mundo! Mal posso esperar para que sigam o Outro Kevin até ao seu mundo e descubram todos os acontecimentos fixes e loucos que há por lá. Mas, primeiro, preciso de um momento para explicar parte da minha metodologia de escrita e porque é que isso neste momento tem importância para vocês.

Sou uma autora impulsionada pelas personagens. Isso significa que, apesar de programar, montar e planear cada livro e série, assim que crio uma personagem e lhe dou vida, todos os meus planos tão bem traçados por norma explodem. Um excelente exemplo disto é *Indomável*, o quarto livro de Casa da Noite. Nesse livro introduzi uma nova personagem, James Stark. Criei-o para ser o amor da vida de Stevie Rae, mas assim que ele conheceu Zoey, mostrou-me que não ia definitivamente seguir o meu plano. E, claro, isso acabou por se revelar uma coisa boa porque Refaim é sem dúvida o companheiro para a vida de Stevie Rae.

Porque é que vos conto isto? Bem, para aqueles de vós que leram o excerto de *Perdida* que estava em *Amada*, é importante. É que eu ainda não tinha começado a escrever *Perdida* quando escrevi aquele excerto. Sabia apenas na altura que Zoey ia seguir o Outro Kevin até ao mundo deste. Portanto, escrevi uma cena que resultou com o que eu sabia. Mas, quando comecei mesmo a escrever *Perdida*, Zoey disse-me que o que escrevi no excerto estava tão errado como quando criei Stark para Stevie Rae!

Durante algum tempo, tentei encaixar essa cena no livro que estava a escrever. Agonizei por causa disso, pois simplesmente não estava a funcionar. Não refletia as verdadeiras motivações de Zoey, mas já fora publicado! Vocês já o tinham lido! O que haveria eu de fazer?

Felizmente, a Kristin veio em minha salvação. Disse-me que eu deveria reescrever a cena para que resultasse e depois simplesmente contar-vos o que sucedera. Canja! A Kristin tem frequentemente razão e esta vez não foi exceção.

Então, cá está! O excerto que leram em *Amada* é vagamente como a cena terminada, mas apenas vagamente, e agora já sabem porquê. A lição a retirar daqui, para mim e outros que escrevem romances conduzidos por personagens, passa por não tentar forçar uma cena antes de serem lançadas as bases desse livro e de as personagens nesse livro estarem completamente atualizadas, ou vão acabar a escrever cartas embaraçosas aos leitores a explicar porque é que «de repente» mudaram.

Espero que apreciem esta aventura Outro Mundo. Eu, sinceramente, adorei escrevê-la para vocês. E, não se esqueçam, vocês são fortes — as vossas escolhas são importantes —, *vocês* são importantes.

Com muito amor, sempre amor...

P.C.



PRIMEIRO CAPÍTULO

Outro Kevin

Assim que Kevin passou entre mundos, sentiu-a: aquela sensação horrível de pânico de se estar perdido. A estranheza que foi o efeito do feitiço de Zoey — aquele que o puxou e depois devolveu ao seu próprio mundo — era avassaladora. A sensação de estar desesperadamente perdido era tão forte, tão urgente, que o levou de volta a um dia de primavera quando tinha sete anos e fora às compras com a mãe à Super Target de Tulsa, na Seventy-First Street. Ele afastara-se enquanto a mãe e as irmãs apreciavam roupa de rapariga. Quando se apercebeu, estava parado em plena secção de aparelhos para a casa a soluçar descontroladamente.

Fora a mesma sensação horrível, só que agora não haveria qualquer funcionário prestável para o confortar enquanto esperava que a mãe respondesse ao alerta de uma criança perdida. Sim, ele era um vampyro completamente Mudado — um tenente do Exército Vermelho —, mas sem dúvida que havia alturas em que desejava que alguém pudesse salvá-lo.

— Não é possível, Kev. Recompõe-te — murmurou para si mesmo.

Com um grande *uuush*, como se expirasse, o bizarro buraco entre os dois mundos desapareceu, deixando apenas uma sorveira-brava, deslocada com toda a sua verdura, no espaço onde estivera o rasgão no tecido entre mundos. Enquanto se fechava a sua corda salva-vidas até à sua irmã Zoey — e ao mundo dela, que lhe pareceu mais o seu próprio lar do que o seu —, Kevin desejava mais do que tudo poder recuar até ao seu ser com sete anos, sentar-se e chorar para que a sua mamã o salvasse.

Mas ele já não era uma criança e a sua mãe já há anos que deixara de ser uma mamã, pelo que Kevin fez o que disse a si mesmo para fazer — recompôs-se. Tocou, reconfortantemente, na bolsa suspensa no cordão de couro que levava ao pescoço e sentiu-se grato por este o ter acompanhado na viagem. Verificou o bolso interior do seu casaco para se assegurar de que ainda lá se encontrava a cópia do diário de Neferet, e depois observou as cercanias.

Estava escuro, tal como quando partira do mundo de Zoey, e frio — embora aqui não houvesse neve a cobrir a relva castanha de inverno. Olhou para a direita. Não havia um muro de pedra a encerrar o túmulo da Sumo-Sacerdotisa. Havia apenas uma gruta na rocha e um lago pequeno e parcialmente congelado.

Porque, neste mundo, a Neferet está livre e manda. Só de pensar nisso, ficou tenso.

Kevin estalou os nós dos dedos e ergueu o olhar para seguir a cumeeira sobranceira à gruta. Como seria de esperar, carvalhos antigos formavam um pano de fundo para grandes aglomerados de azáleas adormecidas.

— É sem qualquer dúvida o Woodward Park, mas não aquele que eu dei-xei. — Kevin suspirou. *OK, uma coisa de cada vez — é tudo o que posso fazer —, mas tenho efetivamente de fazer algo, e não ficar aqui parado a estalar os dedos e a sentir-me miserável.*

Kevin tinha um plano, mas dava-lhe a volta ao estômago com os nervos. Precisava de ver alguém e não sabia se iria correr muito bem. As pessoas aqui eram as mesmas, mas, contudo, perturbadoramente diferentes, e ele já não a via há mais de um ano.

E se ela nem sequer o visse? Ou, pior, se o visse, mas o rejeitasse — se recusasse a ver que ele era diferente dos outros e não o convidasse a entrar? *Então, que raio hei de fazer? E como é que vou aguentar se ela me virar costas?*

— Tenho de arriscar. Se quero tentar emendar as coisas, não me resta grande escolha. Necessito de aliados e ela é a melhor que me ocorre — disse a si mesmo Kevin enquanto avançava pela erva castanha quebradiça na direção do passeio que delimitava a Twenty-First Street e bordeava o parque. Em passo apressado, virou à direita, subindo a pequena elevação da rua na direção do brilho ténue mais à frente, proveniente da Utica Square.

Era uma curta caminhada até às lojas e restaurantes de luxo que compunham a praça, apesar de Kevin ter dado por si a desejar que demorasse mais tempo. O antigo e grande relógio de quatro faces, que se impunha orgulhosamente na fachada da loja Russell Stover Candies, indicava que já passava da meia-noite, mas a praça fervilhava de atividade. Desde que Neferet assumira

o controlo de Tulsa e da maioria do Midwest, as horas humanas de negócios haviam mudado drasticamente para refletirem o facto de serem os vampyros, e não os humanos, quem mandava. As lojas da Utica Square, tal como *qualquer* loja e restaurante em Tulsa e arredores que os vampyros pretendessem apadrinhar, abriam ao anoitecer e fechavam ao nascer do Sol.

Havia, naturalmente, umas quantas lojas que abriam para humanos durante o dia — principalmente mercearias, estações de serviço e outras atividades essenciais. Mas, em comparação com negócios patrocinados por vampyros, eram pobres resquícios de um passado moribundo.

Nesta fria Véspera de Natal, Utica Square encontrava-se engalanada com luzes — não em celebração do Natal, mas sim por Neferet gostar de tudo com um aspeto brilhante, reluzente e belo à superfície, independentemente do que se passasse sob a aparência de felicidade.

Vampyros azuis e iniciados passaram por Kevin no passeio, mal olhando para ele, o que achou reconfortante. Se tivesse soado um alerta quando ele, o general Dominick e os outros do seu Exército Vermelho tinham desaparecido, os Guerreiros Filhos de Erebus teriam sido colocados em todos os locais públicos de Tulsa e Kevin já teria sido detido.

Os poucos humanos que andavam por ali também reagiram normalmente à presença dele. Não estabeleceram contacto visual e passavam bem ao largo, deixando o passeio ou correndo para o restaurante ou loja mais perto para o evitar e à possibilidade de ele sentir fome suficiente para deitar a mão a um deles e dar um trincadela rápida. Apesar de a posição «oficial» de Neferet ser de desencorajar os vampyros vermelhos de se alimentarem de humanos em público, a verdade é que a única razão para a Sumo-Sacerdotisa querer que o Exército Vermelho mostrasse algum autodomínio era por a alimentação em público gerar o pânico. Neferet considerava o pânico humano feio e perturbador. Por isso, basicamente, se acontecesse... bem, acontecia. Por norma, não havia consequências para os vampyros, exceto uma moderada reprimenda verbal.

Costumava perturbar Kevin o facto de os humanos tão óbvia e justificadamente se aterrorizarem com ele, mas esta noite isso deixava-o aliviado. Sabia que tinha um cheiro diferente — ou, especificamente, não cheirava a túmulo — desde que Nyx o presenteara de novo com a sua humanidade, mas as gentes de Tulsa estavam tão habituadas a monstros na noite que não se aproximavam o suficiente para perceber que ele já não era o bicho-papão.

Mas Kevin não se permitiu baixar a guarda. Ponderou em apanhar o autocarro até ao entreposto onde se encontrava estacionado o seu carro, mas só

a ideia de encarar iniciados vermelhos vorazes e vampyros vermelhos curiosos deu-lhe a volta ao estômago. Que raio lhes diria ele quando acontecesse o inevitável — quando eles percebessem que Kevin Mudara irrevogavelmente? Necessitava de tempo e de um plano.

Mas, principalmente, era de ajuda que Kevin necessitava.

Poderia sem dificuldade seguir calmamente até à Casa da Noite, mas não haveria ajuda lá para ele e não desejava de maneira nenhuma regressar à *sua* Casa da Noite. Não neste momento. Não depois de ter estado na *outra* Casa da Noite, onde a sua irmã era Sumo-Sacerdotisa e os humanos eram recebidos como amigos, e não explorados como escravos e frigoríficos ambulantes de sangue.

Havia apenas um lugar onde Kevin desejava ir e uma única pessoa que queria ver. Uma vez mais, levou a sua mão ao alto que se encontrava sob a sua camisa junto ao coração. Pressionou a palma contra a bolsa de couro com contas feita à mão, reconfortando-se com a sua presença.

Kevin percorreu a Utica Square até às traseiras do centro comercial em forma de aldeia, passou pelo Fleming's Steakhouse e pelo Ihloff Salon, até ao parque de estacionamento mais às escuras e sossegado por detrás. Encontrava-se cheio, pelo que Kevin não levou muito tempo a descobrir o que procurava.

Um homem sozinho, humano e bem vestido abria caminho por entre os carros, dirigindo-se aos lugares de estacionamento virados para os condomínios estilo *villa* italiana que se erguiam como uma porção de Mediterrâneo deslocada que fora arrancada da Costa de Amalfi e largada no centro de Tulsa.

Em silêncio, Kevin seguiu-o. Quando a sua chave remota fez *bip*, destrancando o SUV *Audi*, Kevin saiu das sombras para encarar o homem.

— Boa-noite — disse Kevin.

O homem arregalou imenso os olhos e ficou lívido. Ergueu os braços com os embrulhos, em parte como oferenda, em parte como escudo.

— P... por favor, tenho família à minha espera em casa. Por favor, não me morda. Dou-lhe tudo o que quiser, mas os meus filhos precisam de mim, e eu não quero morrer.

Kevin sentiu a barriga às voltas. Odiava isto. Odiava que só a visão da sua Marca de vampyro vermelho gerasse de imediato uma sensação de medo e pânico nos humanos. Kevin olhou fixamente o homem nos olhos e falou num tom pausado e gentil.

— Não vou fazer-lhe mal. Não precisa de ter medo. — O homem acalmou de imediato. — Não está sob a proteção de um vampyro? — perguntou Kevin enquanto espreitava para a mão livre de marcas do homem. Os vampyros

azuis haviam começado a tatuar luas crescentes nas mãos dos humanos sob sua proteção para que os vampyros vermelhos com fome percebessem que não podiam atacá-los.

— Não de um vampyro específico — disse o homem, como se falasse num sonho enquanto Kevin o mantinha ali, preso no seu lugar e incapaz de fazer o que fosse a não ser quando Kevin mandasse.

— Mas faz alguma coisa que o proteja?

O homem assentiu de forma entorpecida.

— Sou o dono das Carnes Harvard. Na esquina da Fifteenth com a Harvard.

— Oh, sim, conheço. — Kevin conhecia mesmo. Este homem não necessitava de proteção de um vampyro específico porque o seu negócio — ser o carnicheiro que fornecia as melhores carnes da cidade à Casa da Noite e aos seus restaurantes preferidos — era a proteção em si mesmo. — OK, então é isto que quero: dê-me as suas chaves. Dá para ir a pé para sua casa?

O homem voltou a assentir com a cabeça.

— Moro na Thirteenth com a Columbia.

— Ótimo. Vai ter de ir a pé para casa. Amanhã dê parte do desaparecimento do seu SUV. Diga-lhes que acha que foram miúdos da secundária... da Union — acrescentou Kevin, depois de pensar melhor. Fora educado na Broken Arrow. A BA e a Union eram rivais e teve de disfarçar um sorriso face a esta vingança por a Union ter ganhado o último campeonato estadual de futebol americano.

— Reporto que foi roubado. Por miúdos da Union. Amanhã — repetiu o homem de forma automática, entregando as chaves a Kevin.

Kevin hesitou, voltando a chamar o homem conforme este se virava, movendo-se mecanicamente, para encetar o regresso a casa.

— Ei. Ah... precisa de alguma coisa do seu carro?

O homem pestanejou ao olhar para ele, como se não tivesse percebido a pergunta.

— Há alguma coisa no carro que precise de levar para casa? — refez Kevin a pergunta, olhando o homem nos olhos, aumentando o seu poder sobre ele.

— Sim, o meu portátil — respondeu de pronto o homem, apesar de a sua voz ainda apresentar um tom alheado. — E umas prendas para os miúdos.

— Leve tudo — disse Kevin. — Despache-se.

O homem foi rápido, abrindo a porta de trás e retirando um computador portátil fino e uma saca cheia de embrulhos. Depois, virou-se para Kevin, à espera de mais instruções.

— Agora, vá para casa. Não fale com ninguém. Se for parado por um Guerreiro, diga-lhe que está ao serviço de um tenente do Exército Vermelho.

— Estou ao serviço de um tenente do Exército Vermelho.

— Mais uma coisa. Este vai ser o seu melhor Natal de sempre. Na verdade, vai ser o seu melhor ano de sempre. Vai mostrar todos os dias à sua mulher e filhos o quanto os ama e vai assegurar-se de que você e a sua família são de valor inestimável para a Casa da Noite escolhendo cortes especiais de carne para a Neferet. — Kevin fez uma pausa, para pensar, após o que acrescentou: — Marine a carne em molho de vinho tinto. A Neferet gosta bastante de vinho tinto. Entendido?

— Entendido.

— OK, agora vá. Depressa!

O homem saiu apressadamente, agarrando o portátil e os presentes junto ao peito como se fossem feitos de ouro.

Murmurando para si mesmo a canção de luta da *Broken Arrow*, Kevin entrou no *Audi*. Levou o seu tempo a apreciar o belo interior antes de ligar a viatura e abandonar a Utica Square. E lá ia ele a caminho da estrada Muskogee Turnpike, que ficava a um saltinho de Tulsa. Assim que apontou a sul na portagem, Kevin sintonizou em 98.5 e tentou que o familiar tom nasalado do Oklahoma de Blake Shelton lhe aplacasse os nervos.

Kevin não sabia ao certo o que ia fazer, mas sabia perfeitamente quem tinha de ver para que o ajudasse a descobrir.

A viagem de uma hora e meia passou num ápice e depressa Kevin estava a sair da autoestrada e a serpentear numa velha estrada de duas faixas até ir dar ao caminho de gravilha e terra, que apartava campos de alfazema adormecidos e dava para uma familiar casa rural em pedra com um amplo alpendre na frente.

Sentiu o estômago às voltas enquanto estalava os nós dos dedos e erguia o punho para bater à porta.

Kevin deteve-se. E se ela não o convidasse a entrar?

Conteve aquele terrível pensamento, quando a porta se abriu antes mesmo de chegar a bater.

— Olá, avó Redbird! Sou eu, o Kevin.

O único sinal de espanto da velhota foi um leve enrubescer das suas bochechas castanhas.

— Já lá vai algum tempo, mas reconheço a minha própria família — disse a avó. Fez um gesto para que ele entrasse. — O que posso fazer por ti, Kevin?

— Preciso da sua ajuda. Na verdade, preciso de mais do que a sua ajuda. Preciso de um plano. É muita coisa para explicar. Posso entrar, por favor?

— Não tenho qualquer prazer em dizer isto, mas não. Não podes entrar. Vejo que fizeste a Mudança.

— Sim, há uns meses. Peço desculpa por não a ter visitado até agora, mas sabe porque é que não o fiz. Tinha de ter a certeza de que conseguia controlar-me. Bem, agora tenho a certeza e a razão para ter a certeza é incrível.

— Lamento, Kevin. Hoje não é o meu dia para morrer e, mesmo que fosse, não queria conhecer a Grande Deusa depois de o meu neto me transformar num monstro horrível. Não, por favor, vai-te embora, meu filho. Despedaça-me o coração e já está mais destroçado do que se possa imaginar. — De um modo triste e vagaroso, a avó Redbird começou a afastar-se da porta.

— Espere, avó. Por favor, olhe primeiro para isto. — Kevin ergueu o saquinho medicinal que trazia pendurado ao pescoço e segurou-o para que a avó Redbird o visse bem.

Espantada, enrugou a testa.

— Isso é meu, mas estou a usá-lo... — A mão dela ergueu-se automaticamente, avançando para o cordão de couro que segurava o saquinho medicinal idêntico que trazia ao pescoço.

— Avó, foi a senhora que mo deu.

— Não, Kevin. — Ergueu o saco de contas idêntico. — *Este* é meu. Esse, bem, é uma imitação estranhamente semelhante.

Kevin não poderia atravessar a barreira da porta dela a não ser que fosse convidado a entrar, mas o saquinho sem dúvida que podia.

— Tome, veja-o. — Atirou-o e a avó agarrou-o com facilidade.

Observou-a a abrir o saquinho e a despejar o conteúdo na palma. Havia uma ametista roxa de cristal e um pedaço de turquesa em bruto em forma de um coração perfeito, assim como um raminho de alfazema, a pena do peito de uma pomba e uma colherada de terra vermelha. A última coisa a cair do saco foi uma folha de papel enrolada com aroma a alfazema.

Com mãos firmes, a avó Redbird desenrolou o papel que revelou três palavras, escritas na sua forte letra cursiva.

Confia no Kevin.

Os olhos castanhos penetrantes da avó encontraram os seus.

— Onde é que arranjaste isto?

— Tal como eu disse, foi a avó quem mos deu. Numa outra versão do nosso mundo. Depois de a Zoey me ter lá chamado e a Afrodite e Nyx me terem devolvido a humanidade. Avó, é uma longa história, mas juro pela memória da Zoey que a senhora me deu isto e me disse para vir ter consigo e mostrar-lhe. Preciso de si, avó. Não sei onde mais possa ir ou a

quem recorrer. Por favor, deixa-me entrar? Não lhe faço mal. Nunca lhe farei mal.

Sylvia Redbird observou atentamente Kevin. A seguir, o seu olhar voltou a incidir nas três palavras escritas pela sua própria mão no papel de carta que fizera para si mesma na quinta de alfazema, onde cresciam aquelas plantas únicas com tal fragrância que os vampyros a deixavam em paz — desde que ela continuasse a produzir os artigos de alfazema que Neferet tanto apreciava.

— Kevin, gostaria de te convidar a entrares em minha casa. — A idosa recuou, abrindo a porta para que o neto entrasse.

Ele entrou na casa de campo e inspirou fundo o ar perfumado com memórias da infância. Por entre as lágrimas que lhe inundaram os olhos, sorriu à avó.

— Será que estou a cheirar bolachas de alfazema com pepitas de chocolate?

— Estás, pois. És servido?

— Não queria outra coisa — respondeu Kevin. — Mas, primeiro, será que posso ter um abraço?

— Oh, *u-we-tsi*, isso dar-me-ia um grande prazer!

Kevin abriu os braços e a sua minúscula, encantadora e bela avó avançou para o seu abraço. E, de repente, ele deu por si a choramingar enquanto ela o agarrava e o afagava gentilmente, libertando a tristeza, a solidão e o arrependimento por ter deixado a sua irmã e regressado a um mundo repleto de lutas e medo.

— Agora, vai correr tudo bem, *u-we-tsi*. Vai correr tudo bem. Eu estou aqui. Eu estou aqui...



SEGUNDO CAPÍTULO

Outro Kevin

— **A**vó, estas bolachas são as melhores de *qualquer* mundo!
A avó Redbird sorriu com ternura a Kevin.
— Devolveste-me a alegria que sinto a fazê-las. Não faço ideia como é que a Neferet soube delas, mas há uns meses os imbecis do Exército Azul dela apareceram aqui, a insistir que eu aceitasse uma encomenda semanal de duas dúzias de bolachas... para a própria Sumo-Sacerdotisa. Estranhei, mas ajudou-me a garantir a minha segurança e enquanto eles aqui estavam, também fizeram uma encomenda de sabonetes e loções... — Interrompeu-se quando surgiu uma expressão de compreensão no seu rosto. — Foste *tu* que fizeste isto.

Kevin contorceu-se e pegou noutra bolacha.

— Bem, fui. Toda a gente sabe que a sua alfazema é a melhor do Oklahoma. Os seus sabonetes e loções são fantásticos e as suas bolachas especiais e deliciosas. Achei que se a Neferet as conhecesse, iria querê-las. Ela é muito dada a ter coisas que mais ninguém tem e não há quem tenha a sua receita.

— Eu não uso receita.

— Exato! É algo que só a avó sabe fazer. Assim, referi isso a um Guerreiro que se dá com as sacerdotisas que levam à Neferet os seus *snacks* noturnos. Sabia que bastaria ela provar uma bolacha e ficaria logo encantada. Parece que a Neferet é muito dada a doces. Os sabonetes e loções foram um bónus.

A avó Redbird permaneceu muito tempo calada. Observou atentamente o neto como se ele fosse um quebra-cabeças que ela tivesse acabado de solucionar.

— Tu eras diferente. Mesmo antes de teres sido puxado para esse Outro Mundo.

Kevin assentiu com a cabeça, falando com a boca cheia de bolacha.

— Estava sempre a pensar que iria mudar... que um dia acordaria e não seria sequer capaz de controlar a minha fome. Mas não aconteceu.

A mão da avó desgastada pelo trabalho encostou-se à bochecha dele.

— Oh, *u-we-tsi*. Quem me dera que me tivesses procurado nessa altura.

— Não podia, avó. Estava superassustado com medo de me transformar num monstro. — Kevin baixou o olhar para a antiga mesa de madeira. — Não podia arriscar a fazer-lhe mal.

— Então, de longe asseguraste-te de que eu seria uma das que ficaria em segurança... uma das protegidas.

Kevin assentiu com a cabeça.

— Obrigada — disse ela num tom modesto.

Quando Kevin teve a certeza de que não se dissolveria de novo em lágrimas, fitou os gentis olhos castanhos dela e sorriu.

— Era o mínimo que podia fazer depois de a avó ter perdido a Zoey. Sei que sempre foi a sua preferida.

— A Zoey e eu sempre fomos muito chegadas, desde o momento em que ela nasceu, mas isso é o que acontece muitas vezes entre avós e netas. Isso não significa que a amasse mais do que amo a ti.

Kevin sentiu de novo as lágrimas a tomarem-lhe conta dos olhos e pestanejou intensamente para que não os inundassem.

— A sério?

— Dou-te a minha palavra. Era mais fácil estar mais perto da Zoeybird. Ela queria cozinhar comigo, fazer jardinagem comigo e conhecer as tradições da nossa gente.

— E eu gostava de videojogos e contar piadas foleiras com os meus amigos — disse Kevin num tom sarcástico.

O sorriso da avó Redbird foi caloroso e compreensivo.

— Querias simplesmente ser um rapaz. Não há nada de mal nisso.

— Sei que não posso preencher o lugar da Zo, mas quero que sejamos chegados. Eu... eu preciso de si, avó.

A idosa pressionou a sua mão contra a do neto.

— Estou aqui para ti. Estarei sempre presente para ti. Nunca mais ficarás sozinho, meu *u-we-tsi*.

Pela primeira vez desde que percebera que tinha de regressar ao seu mundo — que tinha, de algum modo, de liderar a Resistência para derrubar

Neferet —, Kevin sentiu a erguer-se um pouco do peso terrível que assentara sobre si.

— Obrigado, avó. Isso torna tudo muito melhor.

— Ainda bem. Agora, tenho umas perguntas a que talvez me possas responder.

— Absolutamente! Pergunte e eu vou comendo bolachas.

— É uma bela ideia. Então, estás a dizer-me que a nossa Zoeybird está viva nesse mundo alternativo de onde acabaste de regressar?

— Estou. E está. Bem, ela não é *exatamente* a nossa Zo. Mas é muito parecida. Parecida tal como a avó Redbird de lá é quase igual a si. É estranho. Bom, mas estranho.

A avó sentou-se diante dele, enchendo para si uma chávena de chá de alfazema aromatizada do bule de ferro gasto pelo uso que ela utilizava desde que Kevin tinha memória.

— Deixa-me cá ver se entendo bem. Nesse mundo, a Zoey é Sumo-Sacerdotisa e manda. Não há Neferet e...

— A Neferet está lá — interrompeu Kevin. — Está selada por via de magia numa gruta no Woodward Park.

— Isso — assentiu a avó Redbird. — Disseste que ela se tornou imortal?

— Sim. Não percebo bem essa parte, mas acredito na Zo e no grupo dela. Disseram que ela tentou tornar-se Deusa de Tulsa e passou-se dos cornos e matou montes de gente... humanos e vampyros. Ah, desculpe a linguagem, avó.

Ela acenou, não dando importância.

— Às vezes, é preciso usar linguagem forte. A tua descrição é precisa.

— Obrigado, avó. — Kevin apontou para o exemplar do diário que Zoey lhe dera antes de ele abandonar o mundo dela. — A Zo disse-me que explica muito do passado da Neferet e das motivações dela. Ela e os amigos descobriram que a história da Neferet é um ponto fraco para ela. A Zo achou que talvez nós conseguíssemos descobrir algo que também ajudasse a derrotá-la por cá.

— Isso faz sentido. Então, a Neferet está sepultada. A Zoey é quem manda. E abriu a Casa da Noite de Tulsa a humanos? A sério?

— Exato! Devia ver... miúdos humanos a brincar com iniciados vermelhos e azuis na neve. Foi esquisito, mas muito fixe, e a Zo e o grupo dela chamam-se a eles mesmos a Manada dos Marados... — Kevin fez uma pausa quando a sua avó se riu como uma menina. — Ela fez com que a Manada dos Marados dela iniciasse por todos os Estados Unidos um programa de estudantes humanos como o de Tulsa. Aparentemente, está a correr muito bem, o que é um motivo

para ela ter ficado tão preocupada quando deu a ideia de que a Neferet começava a agitar-se. Ela sabia que os humanos seriam o seu segundo alvo.

— Porque a própria Zoey seria o primeiro?

— Exato. São inimigas. Ah, avó, quando contei à Zo que ela morreu aqui, ela disse-me que tinha a certeza de que fora a Neferet a matá-la, porque no mundo dela a Neferet matou dois professores vampyros exatamente da mesma forma, apesar de ter encenado os homicídios para parecerem da autoria do Povo da Fé.

A avó Redbird empalideceu face à menção da horrível morte da sua neta. Kevin estendeu o braço sobre a mesa e apertou-lhe a mão.

— Está tudo bem, avó. Recorde-se apenas de que ela ainda está viva. Só já não está cá.

A velhota assentiu bruscamente e sorveu o seu chá, nitidamente a recompor-se.

— O plano da Neferet passou por gerar uma guerra entre humanos e vampyros?

— Sim.

— A Zoey e a sua... Manada dos Marados foram quem lhe pôs travão nesse outro mundo?

— Outra vez, sim — respondeu Kevin.

— Muito bem, Zoeybird — disse baixinho a avó Redbird. — Esse outro mundo, o mundo da Zoey, parece ser um belo lugar.

— É mesmo. Há decorações de Natal por todo o lado, humanos e vampyros misturados... Avó, eles até transformaram o entreposto de Tulsa num restaurante fixe gerido por vampyros. Todos os dias enche com humanos. — Kevin decidiu de imediato deixar de parte o pormenor adicional de como os vampyros vermelhos e os iniciados deste mundo tinham destruído o restaurante e devorado toda a gente. A avó não necessitava dessa tristeza.

— A sério? — disse ela, maravilhada.

— Completamente! A Zo contou-me que até tinham um mercado de agricultores nos terrenos da escola da Casa da Noite todas as semanas e o *campus* é totalmente aberto a humanos.

— Isso, efetivamente, é mágico — comentou ela. — Porque é que regressaste?

— Tive de o fazer. Sou a Zoey.

— *U-we-tsi*, vais ter de me explicar melhor.

— Avó, tal como a Zo naquele mundo, eu tenho uma afinidade pelos cinco elementos.

Os olhos dela arregalaram-se de felicidade com a surpresa.

— Oh, Kevin! Que belas notícias.

— Bem, sim e não. Sim, porque é fixe e um sinal da aprovação de Nyx. Ei, quase me esquecia de lhe dizer! A tatuagem de Mudança completa da Zo é como a minha. Só que a dela é azul, claro. Mas ela também tem um monte de outras tatuagens... tipo, nas palmas das mãos. À volta da cintura, nas costas, sobre o peito.

— Ela foi a um artista de tatuagens? Parece maravilhoso, mas deve ter levado o seu tempo.

— Não, avó, Nyx deu-lhe as tatuagens como um sinal de que ela seguia o caminho correto. — Kevin suspirou. — Estou com uma certa esperança de que Nyx também me ajude assim. Pelo menos, saberia que estou a fazer o que é certo.

— O que seria para ti a coisa certa?

Kevin não hesitou.

— Isso leva-me à parte que não é tão agradável. Por ter, tal como a Zo, uma afinidade com os cinco elementos, isso implica que também tenho as responsabilidades outorgadas pela deusa, tal como ela. Avó, tenho de derrotar a Neferet tal como a Zo fez no mundo dela e voltar a equilibrar a Luz e a Escuridão.

A avó Redbird não perdeu tempo a reagir.

— E como é que planeias fazer isso?

— Não faço a mínima ideia, avó. — Sorriu-lhe com um ar insolente. — Mas aposto que consegue ajudar-me a traçar um plano.

— Se eu não conseguir, sei quem é capaz. Kevin, que conhecimento tens da Resistência?

— Sou tenente no Exército Vermelho da Neferet. Neste momento, a nossa única missão é descobrir e eliminar todos os elementos da Resistência.

— Pode ajudar o facto de seres tenente. Tens acesso a informações do género onde acredita a Neferet que se esconde a Resistência e como eles levam pessoas do Midwest às escondidas para locais seguros?

— Nem por isso. A estratégia fica nas mãos da Neferet, dos generais do Exército Azul e dos Guerreiros Filhos de Erebus. Mesmo nós, os vampyros vermelhos que conseguimos reter o suficiente da nossa humanidade para sermos nomeados oficiais, não somos incluídos no planeamento. Basicamente, os Guerreiros da Neferet usam-nos como se fôssemos armas sem cérebro. Quando fiz a Mudança, ouvi por acaso o general Stark a falar do Exército Vermelho. Considerou-nos fáceis de substituir.

— Esse general Stark deve ser horrível.

— Neste mundo, sim, é. No mundo da Zo, é o Guerreiro Juramentado dela e seu companheiro... um tipo bastante fixe.

Aquilo deixou a avó Redbird pensativa.

— E o general Stark não estava errado. Tudo o que ele tem de fazer é simplesmente apontar um caminho ao Exército Vermelho e dar-lhes rédea solta. — Kevin arrepiou-se. — A maioria dos vampyros vermelhos são máquinas devoradoras sem miolos dedicadas a triturar tudo o que se atravessa no seu caminho.

— Isso, na realidade, é bom para nós — disse a avó.

— Ah? — disse Kevin, soando muito como a sua irmã.

— Bem, se esse tal general Stark é um bom tipo no mundo da Zoeybird, então, bem lá no fundo dele, há bondade. Talvez seja alcançável. E tu és oficial. Tens acesso para entrar e sair facilmente da Casa da Noite, certo?

— Sim, penso que sim. Mas apenas entre o pôr do Sol e o alvorecer. Durante o dia, somos banidos para os túneis sob o entreposto.

— Mas ninguém na Casa da Noite, nem um único vampyro, imaginaria que estás do lado da Resistência.

Kevin endireitou-se no seu assento.

— Tem toda a razão, avó! Isso nem lhes passaria pela cabeça. Por norma, não incluem oficiais do Exército Vermelho nas reuniões de estratégia, mas não iriam reparar se eu lá estivesse, ali parado à espera de ordens. — Sorriu abertamente. — Podia ficar a saber um monte de coisas! — Hesitou e o seu sorriso esmoreceu. — Só que eu não tenho o odor correto, e eles iam reparar.

O olhar da avó cintilou com malícia.

— Deixa que seja eu a preocupar-me com isso, *u-we-tsi*.

— Ugh, OK. Então, é este o nosso plano? Volta a pôr-me fedorento e eu espio a Casa da Noite e descubro coisas sobre a Resistência? Então, vamos ter de descobrir onde é que se escondem antes que o exército dê com eles para eu contar à Resistência o que sei.

— Descobri-los não é um problema.

— Avó! Faz parte da Resistência?

— Como Martin Luther King o disse de forma sucinta: «A maior tragédia não é a opressão e a crueldade por parte das más pessoas, mas o silêncio face ao assunto por parte das boas pessoas.» Eu não serei calada.

— Oh, merda, avó, a senhora *faz* parte da Resistência!

— É com orgulho que digo que sim, faço.

— Eles matavam-na, se a apanhassem. Caramba, avó. A Neferet não queria saber que não passava de uma velhinha. Iria morrer na mesma — frisou Kevin.

— Eu tenho consciência disso, Kevin, mas se me mantivesse quieta e nada fizesse, o meu espírito morreria.

Kevin suspirou pesadamente.

— Também o meu. Daí eu ter regressado. Tenho de fazer alguma coisa e penso que serei o único a poder fazê-lo.

— Isso é muito corajoso da tua parte, *u-we-tsi*.

— Não, fazer o que é certo não é coragem. É simplesmente o que fazem as pessoas decentes — frisou Kevin.

— Tens razão.

— Quero que me leve até eles — disse Kevin, com firmeza.

— Eles?

— À Resistência. Quero falar com eles... contar-lhes o que me aconteceu no mundo da Zo.

— Não sei se isso vai resultar. Ao olharem para ti, podem ver apenas um inimigo — frisou a avó. — É capaz de resultar melhor se espiares e me relatares o que vês e eu levo-lhes a informação.

— Isso seria perfeito, se não fosse a Afrodite — disse Kevin.

— Afrodite? A deusa grega do amor?

Kevin sorriu com irreverência.

— Não há dúvida que eu acho que é, mas penso que *tecnicamente* é uma profetisa e não uma deusa.

— Filho, nada do que dizes faz sentido.

— Desculpe, avó. Na realidade, é simples. No mundo da Zo há uma Profetisa de Nyx chamada Afrodite que tem o poder de conceder segundas oportunidades às pessoas. Graças a ela, nenhum dos iniciados vermelhos ou dos vampyros vermelhos perdeu a sua humanidade. Ela também está neste mundo.

— Oh, Grande Deusa! Se isso também pudesse acontecer neste mundo! — exclamou a avó.

— Sim, se for devolvida a humanidade aos soldados do Exército Vermelho, a Neferet perde as suas armas — disse Kevin. — No mundo da Zo, eu e a Afrodite temos uma ligação. — Fez uma pausa, ignorando o facto de sentir as maçãs do rosto a arder. — Ela, ah... disse-me para procurar o outro eu dela neste mundo e que *ela* também me amaria. — As sobranceiras da avó Redbird ergueram-se, mas nada disse. Kevin aclarou a garganta e prosseguiu. — Além

do mais, a Zo disse que tenho de formar o meu próprio círculo. Basicamente, a minha versão da Manada dos Marados. Eu sei desde já que pelo menos dois dos vampyros que necessito de recrutar são azuis, e estão neste preciso momento na Casa da Noite de Tulsa.

— Mas, *u-we-tsi*, a Resistência está repleta de vampyros azuis. Não podes simplesmente usá-los para o teu círculo?

— Talvez, mas a Manada dos Marados da Zo é diferente, tal como ela, tal como eu. Sentem afinidades, também, pelos seus elementos.

— O que torna o seu círculo mais forte do que um regular — frisou a avó.

— Isso mesmo. Percebe porque é que não me basta simplesmente espiar pela Resistência?

— Percebo. E como percebo, estou muito mais esperançosa em relação às nossas oportunidades de sucesso do que estava há uns minutos. — A avó Redbird espreitou pela janela panorâmica da frente. — O amanhecer já está a deixar o horizonte rosado. Vamos dormir, *u-we-tsi*, e amanhã... amanhã vamos à Resistência.

— Combinado, avó — disse corajosamente Kevin antes de enfiar outra bolacha na boca e pensar, *Ah, caramba...*



TERCEIRO CAPÍTULO

Outro Kevin

— **S**áp-lup-á? A sério, avó? Não podia ser mais no meio do nada — comentou Kevin enquanto a avó lhe indicava para sair da Turner Turnpike.

— Kevin, pronuncia corretamente.

— Está bem. *Sapulpa*. Ainda assim... a sério, avó. Porquê aqui?

— Porque, tal como disseste... no meio do nada. O que é um excelente lugar para o quartel-general da Resistência, dado que Sapulpa fica apenas a meia hora da baixa de Tulsa. Perto o suficiente para ser útil, mas ainda uma vila rural com nada de interesse para vampyros, a não ser uns ranchos que plantam uma da melhor alfafa do estado.

— Então, têm apenas o suficiente para serem protegidos pela Neferet, mas não o suficiente para a interessar a ponto de vir mesmo até cá, ou isso.

— Exatamente. Vira à esquerda no próximo semáforo. É a South Hickory. Depois, segue esta estrada ao longo de cerca de quilómetro e meio até chegarmos a uns sinais de Stop. Depois da loja de tabaco, procura a Lone Star Road e vira à direita por lá.

— Onde raio é que nos está a levar, avó?

Ela sorriu seraficamente.

— A um daqueles maravilhosos pequenos ranchos de alfafa, *u-we-tsi*.

Serpentearam pela Lone Star Road, passando por campos ondulantes, alguns deixados em pousio prontos para as plantações da primavera e outros já verdes com trigo de inverno. Como era habitual no Oklahoma,

as casas iam de lindas quase-mansões a atrelados decrepitos e de novo a mansões.

— Ei, veja só aquilo, avó. É a tripla Okie camponesa: um atrelado, uma piscina acima do nível do solo e um colchão velho que aqueles *pitbulls* usam como cama... tudo no mesmo pátio.

A avó Redbird enrugou o nariz.

— Acho que eram *boxers*, e não *pitties*, Kevin.

— Erro meu. É o que dá estereotipar.

— Bem, era sem dúvida uma boa aposta. Abranda, agora. Vês à tua direita onde começa aquela cerca branca arranjada?

— Sim.

— Há um portão logo atrás. Encosta, baixa o vidro e carrega no intercomunicador. Eu falo.

Kevin fez como ela lhe disse, virando para um carreiro que estava bloqueado por um enorme portão de ferro. Espreitou rapidamente em volta enquanto o seu vidro baixava e viu que o aspeto descontraído do pequeno rancho não revelava toda a verdade.

O portão, tal como a bem tratada vedação, tinha enrolado várias extensões de fio condutor grosso. Os olhos de Kevin seguiram o arame.

— Isto é que é uma cerca elétrica bem potente, avó.

— Sim, eu sei disso. Carrega no intercomunicador, por favor.

Kevin premiu o botão branco junto ao altifalante e acendeu-se uma luzinha vermelha, chamando a atenção para a câmara de alta tecnologia que apontava para eles.

— Quem é? — ouviu-se uma voz feminina aguda, pontuada por uma sinfonia de cães a latir.

— Sylvia Redbird. Ouvi dizer que tem cachorrinhos. Gostava de dar uma vista de olhos, se ainda houver para venda.

Seguiu-se uma pausa e depois:

— Vejo aí um vampyro vermelho.

A avó Redbird inclinou-se e enfiou a cabeça ao lado da de Kevin.

— Sou eu, Tina. Este é o meu neto, o Kevin.

— Os vampyros vermelhos não são bem-vindos na minha propriedade ou na minha casa.

— Este vampyro vermelho é diferente. Dou-te a minha palavra — disse a avó.

— É claro que dás. Estás sob controlo dele. Não. Não podes entrar na minha propriedade. Não podes entrar em minha casa.

— Tina, manda a *Babos* cá fora.

— Os cães odeiam vampyros vermelhos. Ela vai rosnar e perturbar a matilha toda — replicou a vizinha fina.

— Ela vai adorar-me. Prometo, minha senhora — garantiu Kevin.

— Vais ficar contente por arriscar — acrescentou a avó.

— Muito bem. Mas assim que ela ladrar e enlouquecer, vou ficar muito zangada contigo, Sylvia. E tenho comigo a minha .45. Um passo em falso e, neto ou não, arranco a cabeça a esse vampyro.

— É mesmo o que deves fazer, Tina — reagiu calmamente a avó Redbird.

— É só um segundo.

A ligação pelo intercomunicador fez um clique ao desligar enquanto o portão se abria.

— Não entres com o carro na propriedade dela — avisou a avó. — Vamos sair do carro. — Ela prendeu o olhar dele. — A cadela vai gostar de ti, não vai?

Kevin sorriu.

— Costumavam gostar... antes de ser Marcado. E depois, na Casa da Noite da Zo, havia uma *labrador* amarela fixe chamada *Duquesa*. Ela adorava-me. Assim sendo, acho que não vamos ter problemas.

O som de um motor *Polaris* de uma moto-quatro a aproximar-se cada vez mais levou a avó Redbird a suspirar.

— Bem, agora é demasiado tarde se estivermos enganados.

— Não estamos enganados, avó. Veja. Eu sei como lidar com isto. Os cães são fantabulásticos! — Kevin contornou a dianteira do carro e parou mesmo junto ao limiar da propriedade diante do portão aberto.

A *Polaris* surgiu a rugir, derrapando ao parar diante deles. Kevin teve de semicerrar os olhos contra o brilho dos faróis da viatura, mas viu lá uma mulher baixinha — provavelmente, com uma idade aproximada da da sua avó. Tinha uma cabeleira selvagem de cabelo grisalho com madeixas de roxo-escuro, rosas e azuis. Era velha, mas ainda se apresentava em boa forma, o que era evidente porque vestia calças de ioga enfiadas em botas de *cowboy* azul-turquesa, e uma *sweatshirt* onde se lia **KALE** em letras ao estilo de Yale. Segurando uma .45 engatilhada, saiu agilmente da *Polaris*, seguida por uma pequena *terrier* preta malhada.

— Olá, Tina, este é o meu neto, o Kevin.

— Boa-noite, minha senhora — cumprimentou educadamente Kevin.

— Logo vemos se é mesmo boa — resmungou a mulher.

— Ei! É uma cadela *Scottie*! — exclamou Kevin. — Sempre quis um destes. Acho que são os cães mais fixes do mundo.

Os olhos verdes de Tina observaram Kevin com atenção.

— Não falas como um vampyro vermelho.

— Isso é por eu ser de um tipo diferente de vampyro vermelho — frisou ele.

— De um tipo bom — acrescentou a avó.

— Impossível — disse Tina.

— Mostra-lhe, *u-we-tsi*.

Kevin agachou-se e sorriu à pequena *terrier*.

— Olá, minha menina! És supergira. Queres vir aqui para eu te fazer festinhas?

A cadela observou-o com tanta atenção como a mulher ao seu lado.

— Ela chama-se *Babos*.

— *Babos*... que nome fixe. Olá, *Babos*. — Estendeu a mão. — Anda cá, miúda.

A cadelinha hesitou, com as orelhas espetadas a olhar para Kevin. Levantou a cabeça e farejou o ar.

— Desculpa, não te trouxe guloseimas. Para a próxima não falha. Mas garanto-te que sou muito bom a coçar queixos. — Fez um gesto de coçar o queixo com os dedos. — Anda cá, *Babos*. Já te mostro.

A *Scottie* inclinou a cabeça, voltou a farejar o ar e, depois de um pequeno arfar, trotou na direção de Kevin, que sorriu e lhe disse que ela era a *Scottie* mais esperta, bonita e querida que já vira, enquanto cumpria o prometido e lhe coçava o queixo peludo, e ela abanava a cauda com entusiasmo.

— Bem, nunca teria acreditado se não visse com os meus próprios olhos — confessou Tina. — O que é ele?

— Já te disse. É o meu neto. E ele vai mudar tudo.



— Tem mesmo um rancho de *Scotties*! — Kevin não conseguia fechar a boca com o espanto enquanto ele e a avó Redbird seguiam Tina para o lar amplo estilo rancho. Ao entrarem pela garagem, uma caterva de pequenos *terriers* em forma de tijolo, com cores que iam do amarelo ao preto e ao preto malhado, cercou-os. Kevin tentou contá-los, mas desistiu ao chegar aos quinze.

— Hum, avó, estava a falar a sério em relação aos cachorrinhos? Caramba, espero que sim.

Tina sorriu então para ele — foi a primeira vez em que fez mais do que o fitar como se fosse um inseto num expositor.

— De momento, não temos cachorrinhos, mas vamos ter daqui a umas semanas.

— É código, *u-we-tsi*. Humanos ou vampyros azuis, e até iniciados azuis aliados da Resistência, vêm ao rancho da Tina perguntar por cachorros.

— Mas o que querem mesmo é um abrigo — explicou Tina.

— Espero um dia poder ter um cãozinho — murmurou Kevin enquanto se agachava e desfrutava com alegria ao ser martirizado por uma canzoada de *Scotties*.

— Porque é que ele é diferente? — quis saber Tina.

— Isso, minha cara amiga, é uma longa história que é melhor não desperdiçar de momento tempo a contar, pois a Resistência também vai querer uma explicação. Eles estão cá?

Tina assentiu com a cabeça.

— No cimo da cumeeira. Sabes onde ficam os esconderijos de caça, nas árvores junto àquele terreno plano e relvado?

— Sei.

— Alguns deles estão nos esconderijos. Alguns estão a trabalhar para tentar expandir uma área tipo gruta que descobriram à coisa de um dia no meio das rochas na vertente da cumeeira. Chegaram na noite passada, com uns quantos refugiados que têm de passar furtivamente... na sua maioria mulheres e crianças. Está para vir uma tempestade de inverno. Acharam que estariam a salvo na cumeeira... pelo menos por uns dias.

A avó Redbird suspirou.

— Estão muito vulneráveis naqueles esconderijos. Há tão pouco espaço onde se abrigarem. Sei que os vampyros são resistentes ao tempo frio, mas é horrível que tenham de fugir de lugar em lugar como eles. O stresse de não terem um sítio verdadeiramente seguro deve ser desgastante.

— Daí estarem tão entusiasmados por encontrarem a gruta — concordou Tina. — Mas o Dragão disse-me que de momento só pode albergar cerca de cinco pessoas e isso se não se importarem de estar amontoados. Estão a trabalhar para expandir o local, mas sabes que a cumeeira é principalmente rocha e terra vermelha dura. É vagaroso, especialmente em pleno inverno.

— Espere lá, disse Dragão? Tal como em Dragão Lankford? — quis saber Kevin.

— Sim. O Dragão Lankford era Mestre de Esgrima da Casa da Noite de Tulsa... antes de a Neferet iniciar a guerra — esclareceu Tina.

— A companheira dele, a Anastasia, também cá está? — perguntou Kevin, com um entusiasmo crescente na voz.

Tina assentiu com a cabeça.

— Está.

— Avó! A Zoey disse-me para procurar o Dragão e a Anastasia Lankford... disse que eles por certo poderiam ajudar-me.

— Então, estamos no caminho correto — disse a avó, com um sorriso.

— Pá, espero que sim. — Kevin levantou-se depois de fazer mais umas festas de grupo aos *Scotties*. — Então, diziam-me que a Resistência não tem verdadeiramente um quartel-general?

— Eles tiveram um quartel-general, mas foi antes de a Lenóbia e o Travis serem seguidos, encurralados e mortos... a par dos cavalos deles... — A voz de Tina soçobrou enquanto tentava recompor-se, nitidamente demasiado perturbada para prosseguir.

A avó Redbird estendeu os braços na direção dela, abraçando-a com compaixão, e depois concluiu por ela a explicação.

— A Lenóbia e o Travis criaram um quartel-general para a Resistência em pleno Parque Nacional Keystone. Tem quase trezentos hectares e, com a exceção das áreas junto ao lago e à represa de Keystone, é selvagem e sem nada construído, apesar de ficar apenas a cerca de uma hora da baixa de Tulsa. Era um excelente lugar para um acampamento selvagem, em especial por a Lenóbia ter conseguido deitar a mão a diversos cavalos da Casa da Noite quando ela e o Travis partiram de vez. Alguém os traiu. A Lenóbia e o Travis ficaram com os cavalos, atraindo o Exército Vermelho para longe do resto da Resistência e os inocentes que ajudavam para um lugar seguro. Foram chacinados. Lenóbia, Travis, os elementos da Resistência, os inocentes, todos os cavalos.

Kevin curvou a cabeça, dominado pela tristeza e pela mágoa.

— Estavas lá, não estavas? — A voz de Tina soou áspera.

— Não. E agradeço a Nyx por isso. Eu, na altura em que isso aconteceu, era ainda um iniciado e os iniciados nunca participam numa verdadeira operação. Ainda não são boas armas. Têm de estar completamente Mudados até lhes ser retirada suficiente humanidade para serem perigosos e descartáveis. — Fez um esgar de repulsa. — Mas ouvi falar da chacina. O meu general, que se chamava Dominick, regozijou com a vitória. Aquilo... aquilo deixou-me doente. Ainda me deixa doente.

— Ainda bem que lá não estavas — comentou Tina, com a voz ainda trémula. — Acho que não aguentaria ter-te na minha casa se tivesses estado envolvido naquilo. A Lenóbia era uma boa amiga. E aqueles cavalos... — Retirou-se. — Nem consigo pensar no que lhes fez o Exército Vermelho.

— Lamento. — Foi tudo o que ocorreu a Kevin dizer.

— Mostra-me. Não te fiques pelas palavras. Ajuda-nos a deter a Neferet e a miséria que ela espalhou por este mundo e então acredito que lamentas mesmo — disse Tina.

— Assim vou fazer. Prometo.

Tina assentiu bruscamente e depois fez-lhes sinal para que a seguissem até à aromática cozinha. Com a matilha de *Scotties* em redor dos pés deles, a avó Redbird e Kevin avançaram lentamente na peugada de Tina, com cuidado para não pisarem patas.

— Imagino que se queiram pôr a caminho para se encontrarem rapidamente com eles?

— Sim. Seria melhor assim — confirmou a avó Redbird.

— Para ser sincera, até me vão poupar uma viagem. Cozi uma dúzia de pães de forma e acabei de enfrascar a minha compota de amoras silvestres. Nunca conheci vampyros que adorassem tanto pão fresco e compota antes de a Neferet mudar o nosso mundo, mas não há dúvida de que gostam.

Kevin ficou com água na boca ao ver Tina a terminar de ensacar o pão caseiro acabado de sair do forno e a compota.

— Quem é que não gosta de pão caseiro? — disse ele. — E o seu cheira bem que se farta.

Tina parou para olhar para ele. Abanou a cabeça.

— É difícil habituar-me a isto.

— Isto? — questionou Kevin.

— Suponho que *tu* seja uma definição melhor do que *isto*. O que eu queria dizer é que é difícil habituar-me a ter um vampyro vermelho a comportar-se como uma pessoa normal e racional na minha cozinha. — Fungou e acrescentou: — Quase vale a pena sair contigo para o frio e para a escuridão só para ver as reações deles.

— Acho que não lhes será fácil aceitarem-me — frisou Kevin.

— Queres a verdade?

Kevin assentiu.

— Vai ser preciso um milagre para te aceitarem.

— Não tem mal. — Ele sorriu-lhe. — Sei de fonte segura que Nyx está envolvida no negócio dos milagres.

— Para o teu bem, espero que sim. — Tina voltou a empacotar os sacos de lona.

— Para o bem de todos nós, espero que sim — disse a avó Redbird.

— OK, Kevin Milagre, ajuda-me a levar isto.

Tina carregou Kevin com o máximo de sacos que ele conseguiu aguentar, deixando apenas um para a avó dele. Depois, seguiram Tina pela porta das traseiras e passaram por uma piscina escavada no solo de onde se elevava uma bruma que evocava espíritos esquecidos.

— Que espetáculo! — exclamou Kevin.

Tina sorriu.

— Aquilo e os *Scotties* são os meus dois maiores prazeres. Bem, se se descontar a minha paixão por cerveja artesanal e massa. Mantenho aquela piscina aquecida todo o inverno. É o máximo boiar lá e olhar para as estrelas por entre a névoa. Faz-me esquecer a confusão em que se transformou o nosso mundo.

— Minha amiga, ajudará dizer-te que devido ao que aconteceu ao Kevin, temos uma hipótese real de derrotar a Neferet? — questionou a avó Redbird.

— Sylvia, adoraria acreditar que é possível regressarmos ao que éramos antes.

— E que tal se for mais do que isso? — intrometeu-se Kevin. Ambas lhe lançaram olhares curiosos. — E que tal um mundo onde humanos e vampiros são verdadeiros aliados e amigos? Tal como vocês são na Resistência? É mais do que possível. Já o vi antes. Pode resultar e ajudar a criar um mundo melhor do que aquele que tínhamos antes de a Neferet iniciar a guerra.

— Tu não és destas bandas, pois não, meu filho?

— Na verdade, até sou. Digamos apenas que viajei imenso recentemente.

— Eu quero o mundo do Kevin — disse a avó Redbird, sorrindo com ternura para o neto.

— Bem, o teu mundo parece-me bom, meu filho. Mas já me bastava a paz.

— Minha senhora, a minha avó ensinou-me a não me acomodar — disse Kevin, brindando a avó com um sorriso descarado.

— Ele é um bocado atrevido, mas acredito que vou mantê-lo — disse Sylvia Redbird.

— Fazemos assim... se conseguires fazer com que a Resistência confie em ti e te aceite, posso vir a acreditar nesse teu mundo — disse Tina. — *E se calhar até te arranjo um cachorrinho *Scottie*.*

O sorriso de Kevin revelou-se radioso.

— Promete?

— Desde que não estejamos em guerra e lhe dês, a ele ou ela, um bom lar... sim, prometo.

— Combinado! — exclamou Kevin.

— Combinado! — concordou Tina. — *OK, mete aqui os sacos e leva esta *Polaris*.*

Ela abriu a tampa da caixa de metal atada no espaço onde deveriam estar os lugares traseiros. Kevin carregou para lá os sacos depois de Tina afastar mantas, caixas de fósforos e saquetas de sangue...

— Sangue! — exclamou Kevin. — Vamos levar-lhes sangue?

— Claro — respondeu Tina, perplexa. — Os vampyros não podem viver só de pão e compota.

— Mas... sangue!

Tina inclinou a cabeça.

— Jovem, nesse tal mundo onde, segundo contas, humanos e vampyros convivem como amigos, eles também conseguiram fazer com que os vampyros deixassem de precisar de sangue humano para sobreviver?

— Ah... não.

— Portanto, lá os humanos não se devem incomodar por os vampyros beberem sangue, correto?

— Sim, suponho que sim — respondeu Kevin.

— Bem, sou vegan. Na realidade, não vejo grande diferença entre beber sangue humano e comer um bife mal passado ou costeleta de cordeiro em sangue. — Ela encolheu os ombros. — Não faria nenhuma das duas, mas a cada um o seu dono.

— Quem é a senhora? — despejou Kevin.

— Apenas uma professora de Inglês reformada. Depois de se ensinar numa escola secundária pública por um par de décadas, já nada nos abala.

— Obviamente. Quem me dera ter estado em uma das suas aulas. Aposto que a senhora não era nada aborrecida — comentou Kevin.

— Eu também aposto — disse Tina. Depois, surpreendeu-o dando-lhe um rápido abraço. — Mantém-te seguro. E não esqueças o nosso acordo.

— De maneira nenhuma haveria de esquecer que me prometeu um cachorrinho!

— Sylvia, lembras-te do caminho para a cumeeira, certo?

— Oh, não duvides. Acho que me lembro que se anda sempre às curvas — disse a avó.

— Isso mesmo. Não te esqueças de ter atenção no portão. Se tocares no fio elétrico, estás frita.

— Não me esqueço — disse a avó. Fez sinal a Kevin para que se pusesse ao volante. — Conduzes tu, *u-we-tsi*.

— Vai devagar e com calma — recomendou Tina quando Kevin ligou a *Polaris*. — Nós deixámos uns obstáculos nos antigos trilhos, em especial

depois do que aconteceu em Keystone. Vais ter de parar e desviar troncos umas quantas vezes. É de propósito.

— Pensei que estivesse sob a proteção da Neferet por causa das plantações de alfafa — comentou a avó Redbird.

— E estou, mas ultimamente os cães têm andado irrequietos a meio da noite e não é com o Dragão e o nosso grupo. Acho que o Exército Azul tem andado por aqui a cheirar. Não te esqueças de dizer isso ao Dragão.

— Não esqueço — garantiu a avó.

— Quando chegarem à árvore tombada que é demasiado grande para tirar do caminho, é aí que vão ser abordados — explicou Tina.

— Já tenho o meu código. Estou a postos — disse a avó.

Tina abanou a cabeça.

— Sabes que vão achar que estás sob influência de um vampyro vermelho. Podem atacar antes que os consigas convencer do contrário.

— Então, só terei de ser mais esperta e mais rápida do que eles — disse a velhota.

Tina fez um sorriso sarcástico.

— Boa sorte.

— Obrigada, minha senhora — disse Kevin.

— Não tens de me agradecer por ajudar a Resistência. É o mais correto a fazer.

— Não lhe agradecia por isso. Agradecia-lhe por confiar em mim... por me convidar a participar.

— Percebo. Não me agradeças. Basta não fazeres com que me arrependa de confiar em ti.

— Não farei. Prometo.

Kevin engatou a *Polaris* e rumou na direção apontada pela sua avó — por um caminho de terra que mal se via que desaparecia na escuridão da cumeeira do Oklahoma. Se não tivesse de manter as duas mãos no volante para manobrar por entre sulcos e calhaus, estaria desesperadamente a estalar os nós dos dedos.